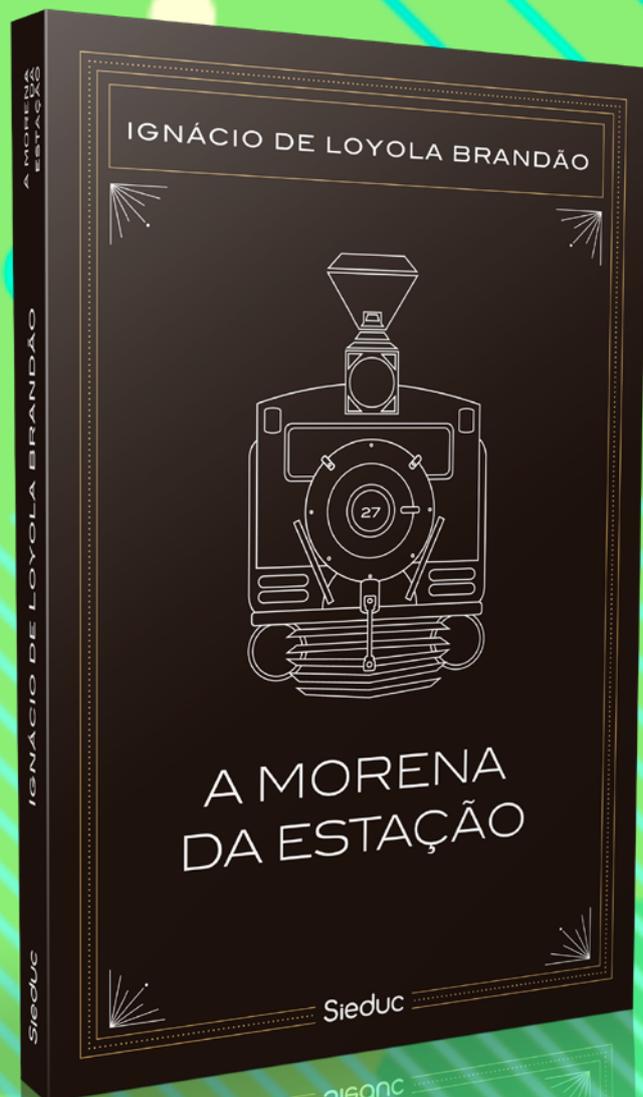


MATERIAL DIGITAL DO PROFESSOR



A MORENA DA ESTAÇÃO

IGNÁCIO DE LOYOLA
BRANDÃO

ELABORAÇÃO E ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA
MARIA JOSÉ NÓBREGA
E SAMIR THOMAZ

Sieduc

SUMÁRIO

Carta ao Professor, **3**

Propostas de atividades 1, **8**

Propostas de atividades 2, **17**

Aprofundamento, **26**

Sugestões de referências complementares, **37**

Bibliografia comentada, **44**



CARTA AO PROFESSOR

Querida professora, querido professor,

*Neste manual, oferecemos a você muitas sugestões para apoiá-lo em seu trabalho na mediação de leitura de **A morena da estação**. A finalidade primordial destas propostas é estabelecer um intenso diálogo com a obra, visando à compreensão de seu funcionamento e à interpretação de seus efeitos.*

Em conformidade com a BNCC – Base Nacional Comum Curricular, a organização deste manual permite diferentes níveis de aprofundamento em relação às competências e habilidades estabelecidas pelo documento, bem como a articulação com diferentes áreas e seus componentes curriculares. Em função do tempo didático disponível e das possibilidades de planejamento possíveis em cada unidade escolar, é possível elaborar seu planejamento e adicionar seu tempero didático de modo a construir o roteiro mais adequado às necessidades de seus estudantes.

Boa leitura e sucesso em seu trabalho!

ÁRVORES E TEMPO DE LEITURA

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?¹*

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpece-nos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam coisas futuras.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore – a árvore do tempo – e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. [...] E Deus deu ao homem este mandamento: "Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer".²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das relações interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais – em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas – é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.



IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO, O AUTOR DE A MORENA DA ESTAÇÃO

Nascido em Araraquara, em julho de 1936, Ignácio ganhou este nome por causa de Santo Ignácio de Loyola (fundador da Companhia de Jesus, os jesuítas), pois era costume colocar nos filhos o nome do santo do dia. Fez o curso primário (Fundamental, hoje), o secundário (Médio) e o pré-vestibular. Não frequentou faculdade, precisava trabalhar e estudar. Compensou com esforço próprio, lendo, estudando e viajando. Iniciou sua carreira produzindo contos e um romance, e não parou mais desde 1965. Foi jornalista a vida inteira e ainda hoje escreve crônicas para o jornal *O Estado de S.Paulo* a cada quinze dias. Com o livro infantil *O menino que vendia palavras* ganhou o Prêmio Jabuti como Melhor Ficção de 2008.

SOBRE A OBRA

Os mais valentes conseguiam saltar para dentro do trem com ele ainda em movimento e, corajosamente, guardar um lugar confortável para si e para os seus. Os menos ágeis quase se esborrachavam ao ultrapassar a distância entre a escada do vagão e a plataforma; os funcionários da estação só ajudavam as mulheres e no máximo os idosos a descer – os gordos precisavam se virar sozinhos. Havia quem trouxesse lanches e salgados de casa; havia quem preferisse pedir no restaurante – mais caro, porém mais digno.

Os trens da vida real evocavam a magia dos trens de cinema – também em terras tropicais era possível se apaixonar por um belo rosto, embora as mulheres da linha Paulista não andassem cobertas de joias como as lendárias damas do Expresso do Oriente. As estações abandonadas dos dias de hoje ainda evocam a memória dos antigos funcionários da ferrovia: histórias de vitórias e derrotas, por vezes cômicas, por vezes trágicas. Houve um homem que passou anos e anos indo todas as noites a uma estação na esperança de restituir a mala perdida de uma bela desconhecida de perfume inesquecível. Diz-se que uma locomotiva desapareceu

como que por encanto ao passar em alta velocidade por um túnel. Verdade e ficção se misturam nesses relatos de memória em que os fatos importam apenas na medida em que suscitam evocações.

Filho de uma família de ferroviários, Ignácio de Loyola Brandão cresceu entre vagões e locomotivas. Daí porque, para ele, falar dos tempos em que os trens de passageiros ainda cruzavam o Brasil está longe de ser uma investigação histórica, pois, embora a obra também nos apresente questões de ordem sociopolítica, mesmo estas aparecem entremeadas com fragmentos de memória, profundamente afetivos. Nesse livro, porém, memória não significa pura e simplesmente autobiografia: além de episódios da infância e juventude do autor, somos apresentados a fragmentos da vida de parentes e conhecidos, a lendas que possuem um tanto de verdade, a imagens dos trens de cinema, a personagens característicos, como os caixeiros-viajantes que usavam uma capa branca plastificada para proteger seus ternos da poeira e os andarilhos que caminhavam solitários pela linha férrea, sem se importar se iriam viver ou morrer. Em cada crônica, Loyola adota um tom diverso, oscilando entre um narrador mais envolvido, mais distanciado ou um cronista reflexivo.

Durante toda a obra, a riqueza de modos de vida e de construções imaginárias ligadas aos trens aparece sob novo ângulo; há um contraponto permanente entre locomotivas fervilhantes e plataformas lotadas do passado e estações abandonadas ou restauradas do presente. Loyola dá voz às esperanças dos ferroviários que se reúnem para rememorar os velhos bons tempos: será que haverá o dia em que os trens vão voltar?



QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Crônica

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, História, Filosofia, Sociologia, Arte.

Competências Gerais da BNCC: 3. Repertório cultural; 6. Trabalho e projeto de vida; 7. Argumentação; 9. Empatia e cooperação.

Temas: Projetos de vida; Protagonismo juvenil; Cidadania; Diálogos com a sociologia e a antropologia; Ficção, mistério e fantasia.

FIOS E LINHAS

MARIA JOSÉ NÓBREGA

Conta-se que Teseu, o maior herói ateniense, precisou, certa feita, enfrentar um monstro que tinha o corpo de homem, a cabeça de touro e se alimentava de carne humana fornecida, a cada vez, com o sacrifício de sete moças e de sete rapazes da cidade de Atenas: era o terrível Minotauro.

Não era só a bestialidade do monstro que investia a tarefa de enorme perigo, mas a dificuldade do percurso. O monstro vivia encerrado em um labirinto, onde os caminhos se entrecruzavam, sem que, para alguns, houvesse saída. Muitos antes de Teseu haviam tentado enfrentar o desafio, mas foram derrotados pela fera ou, quem sabe, encurralados nas armadilhas do labirinto.

Foi Ariadne, uma jovem enamorada, que, temendo pela vida do amado, arquitetou, com a ajuda de Dédalo, um plano para demarcar o percurso, possibilitando que Teseu atingisse o centro, enfrentasse o Minotauro e voltasse seguro pelo mesmo caminho. Ela entregou ao herói um novelo que continha um fio mágico, um fio que nunca acabava, sob medida para Teseu desenrolar suas aventuras e retornar vitorioso e em segurança pela rota assinalada. Um fio que desenrolava a história e permitia ao narrador retornar para contá-la.

Teseu, não se sabe bem por que, vai abandonar Ariadne e viver outras histórias. Tristes, mas necessárias rupturas.

Começamos esta conversa com um mito que fala de fios que costuram amores e aventuras, que se entrelaçam e tecem os diferentes destinos. Mas fios e linhas também enredam textos que se revelam nas diferentes leituras de cada leitor.

Um texto traz sempre um convite: "Decifra-me!". Um leitor é sempre um desbravador de sentidos. As leituras, como os caminhos, podem ser, às vezes, difíceis. Mas tudo fica mais fácil se outro leitor desenrola o fio que costura o que se vai compreendendo a cada linha, revelando, como em um bordado, imagens que antes pareciam ocultas.

O fio que desliza nos dedos de Teseu é de Ariadne, mas o caminho não é dela, é dele. O percurso do herói-leitor não é o mesmo de quem estabelece com ele os processos de mediação com o texto, de quem desata os fios da compreensão e da interpretação dos labirintos da linguagem escrita. As aventuras são próprias daquele que caminha e retorna com histórias para contar.

O jovem leitor já construiu autonomia para decifrar as letras: não precisa mais de fios que lhe revelem o que elas representam. Mas, ingressando pelas veredas do mundo da escrita, precisará de outros tipos de fios: há trilhas simples que seu grau de autonomia leitora alcança, mas há outras mais complexas, prontas a desafiá-lo com linhas emaranhadas: não há aventura se não há desafios.

Não se forma um leitor se não o encorajamos a ampliar seus horizontes, porque há mais histórias... como a de Aracne, por exemplo, tecelã que urdia suas narrativas em tapeçarias que eram tão lindas que acabaram por despertar a inveja da deusa Minerva, que a transformou em aranha, condenando-a a tecer por toda a eternidade. Teias de histórias que se entrelaçam no território das palavras. Trouxeste o fio? Ou a chave?

Mas talvez quiséssemos saber mais a respeito de como aquele novelo chegou às mãos amorosas da jovem Ariadne. Ela contou com a engenhosa ajuda de Dédalo, criativo arquiteto, que por ter sido cúmplice do amor de Ariadne por Teseu, despertou a ira dos Deuses e acabou aprisionado no labirinto com seu filho Ícaro; mas, graças à sua enorme capacidade inventiva, confeccionou enormes pares de asas e acabou escapando.

Dédalo e Ícaro são personagens de outra bela história...

Como eles, leitores são espíritos livres que, tão logo podem, soltam os fios e voam. Dependem apenas das mãos amorosas de seus professores que, como Ariadne, encorajam e possibilitam o ingresso nos labirintos da escrita.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa encontram uma sequência de atividades cuja finalidade é permitir a formação de um sujeito leitor, responsável e crítico, capaz de construir sentidos de modo autônomo e de argumentar a respeito de sua recepção da obra, constituindo-se como uma personalidade sensível e inteligente aberta aos outros e ao mundo. Ao partir da recepção do aluno-leitor, de sua **leitura subjetiva**, procura-se ampliar suas competências com a aquisição de saberes sobre os textos e sobre si; ao compartilhar essa experiência, em uma **leitura colaborativa**, procura-se submeter o texto do leitor à arbitragem dos pares e à autoridade do texto.

AS ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA MOBILIZAM A ANÁLISE GLOBAL DO TEXTO (A PARTIR DO TÍTULO, DA CAPA, DOS ELEMENTOS PARATEXTUAIS, DAS ILUSTRAÇÕES – SE PRESENTES), ESTIMULANDO PREDIÇÕES BEM COMO A MOBILIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS NECESSÁRIOS AO ENTENDIMENTO DA OBRA.

PRÉ-LEITURA

1. Nessa fase, você deve aproveitar para acostumar os alunos ao manuseio do livro: identificar o autor e a editora, verificar se o título é sugestivo, consultar o sumário, ler a quarta capa, observar as imagens e outros aspectos gráficos do livro (fonte, tipografia e tamanho).
2. Apresente a obra à classe. Informe aos alunos que eles vão ler *A morena da estação*, de Ignácio de Loyola Brandão. Pergunte se já leram algum livro desse autor, se o conhecem e se sabem alguma coisa sobre o assunto do livro.
3. Analise com os estudantes a capa do livro, feita por Isabela Jordani. Convide-os a observar a imagem que ela traz. Que

elementos conseguem identificar? Como essa imagem se articula com o título? E o título, *A morena da estação*, o que sugere sobre a leitura? Veja se os alunos notam como o título, pela presença da palavra *estação*, fornece pistas sobre o universo que permeia a obra, o dos trens e ferrovias. Converse com os alunos sobre o assunto: Quais deles andam ou já andaram de trem? O que diferencia as ferrovias dos demais meios de transporte? Proponha que mencionem, de memória, filmes, canções ou narrativas em que os trens apareçam como cenário ou tema. Essa atividade, além de estimular a imaginação dos alunos, certamente vai despertar maior interesse pela leitura.

4. Chame a atenção dos estudantes para a dedicatória do livro, dirigida, em parte, a familiares do autor que foram ferroviários. Provavelmente, os alunos vão se dar conta de que se trata de uma obra repleta de elementos autobiográficos. Peça que observem o selo que antecede a dedicatória. Que imagem há nele? Por fim, pergunte: Por que a maioria dos escritores, ao escrever uma história, a dedica a alguém?
5. Apresente aos alunos o sumário do livro e, com base nos nomes das duas divisões e dos títulos das crônicas, estimule-os a criar hipóteses sobre o que irão ler. Pergunte se algum título lhes chamou a atenção e por quê. Informe que, como essa é uma coletânea de textos independentes entre si, as crônicas não precisam necessariamente ser lidas na ordem em que aparecem na publicação. Deixe que os alunos façam uso do sumário para ler em primeiro lugar os textos cujos títulos lhes despertaram mais interesse.
6. Leia com eles o prefácio "Trens, ah, os trens!" (p. 13), em que o autor defende apaixonadamente seu meio de transporte favorito, comparando-o aos demais, dos quais ressalta os inconvenientes. Indague aos alunos: Como costumam viajar? Que transporte preferem? Será que partilham da opinião do autor?
7. Explique aos alunos que o texto que aparece na contracapa, o lado detrás do livro, é chamado de texto de quarta capa. Peça a algum aluno ou aluna que o leia em voz alta. Com base nas informações contidas nesse texto, estimule os estudantes a criar hipóteses a respeito das histórias que irão ler e pergunte quais são as expectativas deles com relação à leitura.
8. Por que será que, como diz o autor, os trens de passageiros desapareceram no Brasil? Antes de começar a leitura, ouça as hipóteses dos alunos, mas deixe as respostas em suspenso por ora e aguarde o momento oportuno de voltar a elas. Informe que essa questão, por sua importância, será tratada no decorrer da obra.
9. Leia com a classe o texto *Escrever para saber o que é a vida* (p. 244), em que o autor nos conta um pouco sobre sua vida e revela aspectos de sua maneira de pensar. Os alunos provavelmente notarão que se trata de alguém apaixonado pelo que faz. Tomando como exemplo esse texto, proponha a eles que escrevam, em poucas linhas, uma breve e honesta autobiografia, enumerando fatos e acontecimentos de sua história sem explicar o contexto em que se deram, contando os momentos que considera os mais importantes de sua trajetória e apresentando um pouco de sua maneira pessoal de enxergar a vida.

As **ATIVIDADES DE LEITURA** IMPLICAM A COMPREENSÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO COM A SELEÇÃO DAS INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SÍNTESE E PARA A CHECAGEM DAS PREDIÇÕES FEITAS ANTES DA LEITURA, PARA CONFIRMÁ-LAS, REFORMULÁ-LAS OU REFUTÁ-LAS.

LEITURA

1. Solicite aos alunos que anotem as palavras e expressões que não conhecem e as pesquisem no dicionário ou deduzam do próprio contexto em que aparecem. Eles podem anotar também as estações que têm nomes de origem indígena (qual é o significado?) e os nomes de pessoas (quem foram?). Se julgar produtivo, peça, também, que registrem os muitos termos que constam no livro e seus significados, alguns que nem são mais usados, como *fines herbes* (p. 56), *hors d'oeuvres* (p. 136), *ferryboat* (p. 139), entre outros.
2. Peça aos alunos que tenham à mão, ao longo da leitura, um mapa do estado de São Paulo, para localizar as cidades mencionadas nas crônicas.
3. Estimule os estudantes a verificar se algumas das possibilidades levantadas por eles ao tomar contato com o título da obra e com a capa do livro estão sendo confirmadas no decorrer da leitura das crônicas. Acompanhe o trabalho deles fazendo sondagens esporádicas sobre o que estão achando dos textos, se a leitura é prazerosa ou difícil etc. Faça

comentários estratégicos levando-os a perceber como o cronista toma como eixo condutor de suas narrativas a memória afetiva, o amor pelos trens e a ligação que sua família tinha e tem com as ferrovias e os ferroviários.

4. Recomende aos estudantes que atentem para as fotografias que aparecem ao longo do livro. Diga que elas contribuem tanto quanto os textos para recriar um ambiente e um modo de vida quase desaparecidos. Convide os alunos a mergulhar na atmosfera própria dos trens, procurando visualizar as situações narradas pelo autor. Depois, indague: O que essas fotos têm em comum? O que chama a atenção nelas? Qual é o estilo? Que episódios representam? Que sensações acrescentam à leitura das crônicas? Proponha aos alunos que estejam atentos à maneira como cada crônica se relaciona com a divisão na qual se insere. O que as crônicas que pertencem ao mesmo grupo têm em comum? Embora algumas imagens façam referência mais direta a determinadas

crônicas, outras se revelam à medida que permitimos um maior tempo de observação. Instigue os alunos a se permitirem esse tempo durante a leitura.

5. Como o universo dos trens é provavelmente um tanto remoto para os estudantes, a seção *Para ficar por dentro*, no final do livro (p. 232), pode ser bastante útil. Estimule-os a sempre consultá-la durante a leitura a fim de esclarecer suas dúvidas a respeito do vocabulário técnico e do funcionamento das ferrovias.
6. Durante todo o livro, recriações de placas e avisos veiculados dentro dos trens e nas estações aparecem em meio aos textos. Chame a atenção para a presença delas. Perceba se os alunos notam como o texto das placas quase

sempre possui alguma relação com a crônica em questão.

7. Pergunte aos alunos se eles guardam na memória algum fato que os tenha marcado na infância ou mesmo recentemente como a morte do seu Cordeiro (p. 42) marcou a infância do autor. Se quiserem, peça que relatem o acontecido.
8. No decorrer da obra, Ignácio de Loyola Brandão faz referência a inúmeros filmes e livros que contribuíram, durante sua vida, para aumentar ainda mais o seu fascínio pelos trilhos. Peça aos alunos que tomem nota das referências a cada vez que aparecerem. No decorrer deste material, falaremos mais sobre as referências em questão.

As **ATIVIDADES DE PÓS-LEITURA** PROMOVEM A REFLEXÃO SOBRE O CONTEÚDO TEMÁTICO OU EXPRESSIVO DA OBRA A PARTIR DE OUTRAS REFERÊNCIAS QUE PERMITEM IDENTIFICAR DIFERENTES PERSPECTIVAS POSSÍVEIS PARA O TEMA, ESTIMULANDO UMA RESPOSTA CRÍTICA QUE PODE ENVOLVER VÁRIOS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE OU GERAR NOVAS PERGUNTAS, QUE ENRIQUECEM E TRANSFORMAM A EXPERIÊNCIA LEITORA.

PÓS-LEITURA

1. Converse com os alunos sobre a experiência de leitura que tiveram. Estimule-os a falar fazendo as seguintes perguntas: O que acharam do estilo de escrever de Ignácio de Loyola Brandão? Quais são as principais características da escrita desse escritor e cronista? Quais personagens das histórias mais lhes chamaram a atenção ou causaram sua admiração? Instigue-os a comentar e a justificar por que se identificaram com determinados personagens, levando-os a analisar aspectos humanos como os éticos, os sociais, os humanos, os psicológicos, os físicos, entre outros. Conclua, indagando: Se tivessem de eleger um tema que resumisse as crônicas, qual seria ele? Expliquem a sua escolha.

2. Na página 15, o autor confessa que a avaliação que faz das coisas e dos fatos nas crônicas desse livro é suspeita, uma vez que ele adora trens. Em um parágrafo da página 189 ele faz uma espécie de inventário de sua ligação com os trens e de como, pelo fato de ter nascido em uma família de ferroviários, este fato influenciou toda a sua vida, sendo a parte mais substancial de sua memória afetiva.

Questione os alunos se quando falamos sobre algo de que gostamos muito, nossa descrição ou avaliação pode não condizer com a realidade,

sendo exagerada ou suspeita. Peça que escrevam sobre algo de que gostam muito. Depois, peça que troquem o texto com um colega de sala, para que um leia o material do outro. No final, peça que cada um comente a produção textual do colega, atentando principalmente para dois aspectos: Houve exagero? A descrição é confiável?

3. Pelas palavras iniciais do autor, já no prefácio (mas também ao longo do livro), percebe-se a importância que os trens têm para a memória afetiva dele. Questione os alunos sobre a memória afetiva deles próprios. O que é memória afetiva? O que eles acham que terá importância para a memória afetiva deles quando foram mais velhos ou adultos? Por quê? Que acontecimentos farão com que se recordem deles com o mesmo afeto que Ignácio de Loyola Brandão devota aos fatos relacionados aos trens? Sugira que troquem entre eles o que imaginaram.

4. Solicite aos alunos que observem como o livro mostra a importância que a profissão do pai de Ignácio de Loyola Brandão teve para a sua profissão de escritor. Indague aos estudantes: A profissão ou ofício dos pais ou responsáveis costuma marcar afetivamente a memória dos filhos? Vocês acreditam que a profissão de

seus pais ou responsáveis irá deixar marcas em vocês? Peça que justifiquem as respostas.

5. Em dois momentos do livro, nas páginas 129 e 216-217, o autor comenta que vivenciou um “momento proustiano”. Explique aos alunos que esse adjetivo se refere ao escritor francês Marcel Proust, cuja obra *Em busca do tempo perdido* é uma das maiores da literatura mundial e referência obrigatória quando se fala em memória. Se for possível, leia para a classe um fragmento do início da terceira parte do primeiro volume (Do lado de Swann) – *Nomes de terras: o nome*, em que o narrador relata em primeira pessoa sua viagem de trem a Balbec, em companhia da avó, e fala dos trens como caixas mágicas que ligam um nome a outro. Estimule-os a perceber semelhanças entre o estilo do autor francês e o de Ignácio de Loyola Brandão.
6. Proponha aos estudantes que realizem uma pesquisa sobre a vida e a obra de Leon Tolstói, outro dos grandes autores da literatura mundial, de quem Loyola fala no episódio *A morte de Tolstói* (p. 172). Comente que uma de suas mais famosas personagens, Anna Karenina, também morre em uma estação de trem, jogando-se sobre os trilhos após receber um frio bilhete do amante pelo

qual ela havia deixado sua família, tornando-se difamada. Se possível, leia para a classe o trecho que narra a morte de Anna e, em seguida, assista à cena correspondente em uma das adaptações da obra para o cinema, dirigida por Clarence Brown e com Greta Garbo no papel-título. Veja como o suicídio aparece apenas sugerido e como o movimento dos trens e a trilha sonora evocam o desespero da protagonista.

7. Os meios de transporte que utilizamos, ainda que pareçam meros coadjuvantes, representam um papel preponderante em nossa vida, propiciando momentos de tensão e de alegria, de solidão e de encontro. Peça a seus alunos que escolham um meio de transporte que utilizem com certa frequência (ônibus, carro, moto, bicicleta, avião, metrô, trem) e procurem se lembrar de cenas marcantes que tenham vivido, presenciado ou das quais tenham ouvido falar envolvendo um deles.
8. O autor mostra, em suas crônicas, a nostalgia que os velhos ferroviários sentem do tempo áureo dos trens e das grandes ferrovias. Proponha uma discussão aos alunos indagando, primeiramente, o que é a nostalgia. Por que, pela ótica nostálgica, as coisas sempre parecem ser melhores do que

são no presente? Seria o pensamento nostálgico um sentimento traiçoeiro, que distorce a realidade, fazendo-nos constatar que éramos felizes e não sabíamos? Indague aos alunos: Vocês já sentiram nostalgia de alguma coisa? O fato de ainda serem adolescentes os deixa livres desse sentimento, ou não há idade para experimentar a nostalgia? Existe diferença entre nostalgia e saudade? Por que tendemos a achar que as coisas antigas (músicas, filmes, brincadeiras, baladas, relações pessoais, escola, produtos etc.) eram melhores do que as atuais?

9. Comente com os estudantes que, na publicação de uma antologia ou seleção de crônicas, contos ou poemas, é comum escolher o título de um dos textos que a compõem como título da obra. Pergunte aos alunos: Se você fosse o autor do livro de Ignácio de Loyola Brandão, escolheria *A morena da estação* como título? Por quê? Caso optasse por outro nome, que nome escolheria? Por que acha que *A morena da estação* foi escolhido para dar nome ao livro, em vez de outro. Quais teriam sido os critérios?

10. Questione aos alunos: Vocês têm algo – um produto, um objeto, uma música, um filme, um amigo ou amiga, um animal de estimação, uma

lembrança, uma data, um aroma – que, de repente, perceberam que se tornou especial? Como explicar esse fato? Em outras palavras, de que modo ou em que momento as coisas, as pessoas, os sentimentos, as lembranças se transformam em uma memória afetiva para nós?

11. As matérias-primas do escritor são a imaginação e a memória. Leve os estudantes a perceber como, no trecho a seguir, Ignácio de Loyola Brandão revela o seu DNA de escritor vocacionado.

“Sentava-me por horas no banco da plataforma, lendo e esperando o trem, querendo ver alguma mulher bonita à janela. Quando havia alguma, era uma beleza, um quadro. Quem eram, para onde iam? Onde estão hoje? Será que uma delas vai ler, vai se lembrar de um garoto sentado na estação a olhar para ela?” (p. 128)

Questione os alunos: Quem se preocuparia em criar as hipóteses descritas nesse trecho? Leve-os a observar como o autor estabelece relações entre fatos do passado e do presente, da vida real e da ficção, e procura dar-lhes sentido, um sentimento estético e memorial que extrapola as preocupações mesquinhas das pessoas no dia a dia.

POR MAIS "VERDADES DE MENTIRA" NA SALA DE AULA

SAMIR THOMAZ

Em uma pequena e aclamada obra chamada *A literatura em perigo*, o ensaísta e historiador búlgaro Tzvetan Todorov (1939-2017), um apaixonado por literatura desde criança – seus pais eram bibliotecários –, chama a atenção para o fato de que, em nossa época, a literatura corre o risco de não mais participar da formação cultural e humana das pessoas.

Todorov se refere, de maneira crítica, à forma como a literatura é ensinada nas escolas já há algumas décadas e ainda nos dias de hoje, com base no formalismo-estruturalismo, que leva às conhecidas e muitas vezes aborrecidas aulas em que os alunos são obrigados a memorizar a periodização das escolas literárias e as teorizações sobre elas, ficando o texto propriamente, ou seja, a literatura, relegada a segundo plano.

Nascido em uma Bulgária nos tempos do domínio soviético sobre as repúblicas do leste europeu, se por um lado o jovem Todorov tinha duas bibliotecas à disposição – a de seus pais –, por outro, à medida que crescia e evoluía na escola – ele optou por cursar Letras –, era obrigado a conter seu entusiasmo e fascínio pelos clássicos da literatura e prestar reverência à ideologia oficial.

Para que seus estudos literários não fossem interrompidos (e para escapar da censura), ele dirigiu seus primeiros trabalhos como estudante, professor e escritor para as formas linguísticas do texto – estilo, composição, foco narrativo, análise gramatical –, que são neutras, despidas de ideologia.

Somente depois que foi para Paris – onde se fixou e concluiu seu doutorado – é que pôde, enfim, ter uma relação mais livre e direta com a literatura. “De meados dos anos 1970 em diante, perdi o interesse pelos métodos de análise literária e passei a me dedicar à análise em si, isto é, aos encontros com os autores”, afirma o ensaísta.

Leitor reprimido na juventude, a constatação de Todorov de que a literatura está em perigo, no entanto, foi feita bem mais tarde, em uma época, a nossa (seu livro é de 2007), na qual a maioria dos países vive em democracias, ou seja, as crianças e adolescentes têm liberdade para ler uma ampla variedade de autores, participam de feiras e bienais de livros e frequentam uma escola cada vez mais preocupada com a pluralidade de ideias, a liberdade de expressão, a diversidade cultural, o protagonismo juvenil, a tolerância, os direitos humanos e a formação cidadã. Sem contar as múltiplas possibilidades da internet, que democratiza o acesso à informação e, por conseguinte, à leitura.

Esta é a realidade de um país como o Brasil. Não obstante suas desigualdades socioeconômicas, que afetam dramaticamente não apenas os níveis de leitura, mas a apreensão do conteúdo das demais disciplinas do currículo escolar, os recentes programas governamentais de fomento à educação e incentivo à leitura têm procurado diminuir essas discrepâncias, fazendo com que crianças e adolescentes tenham cada vez mais contato com os livros, com a cultura e com o conhecimento letrado e científico.

Não é uma tarefa simples em um país continental. E, apesar dos esforços, este é um jogo que estamos perdendo e precisamos virar. O fato é que ainda se lê pouco em nosso país. Um dos reflexos disso são os pífios resultados dos estudantes brasileiros no Pisa (Programme for International Student Assessment), da OCDE, que avalia os conhecimentos de matemática, ciência e leitura de estudantes de 15 anos de idade. Na prova do Enem de 2019, chamou a atenção o fato de que, de um total de mais de 3,9 milhões de candidatos, apenas 53 tiraram a nota máxima em redação enquanto quase 150 mil zeraram³.

A razão pode estar, assim como na época do jovem Todorov, na forma como a escola tem lidado com o ensino de literatura. Enquanto na Bulgária dos tempos da guerra fria havia a repressão e a censura, no Brasil atual a escola continua insistindo no modelo formalista-estruturalista de aulas, com ênfase em escolas literárias e análises teóricas – o que, como defendem teses pontuais como as de Todorov, tende a afastar os alunos do encanto, do prazer das descobertas, do estímulo à crítica e à reflexão que a leitura dos bons autores proporciona.

Em um mundo no qual há um clamor pela ideia de verdade, mas que, paradoxalmente, é dominado pela pós-verdade e pelas *fake news*, os jovens talvez se ressentam da “verdade de mentira” que a literatura (e o cinema, o teatro, as HQs) possibilitam. É preciso que eles enxerguem na leitura (sobretudo na leitura de ficção) muito mais do que a obrigação de se inteirar

³ BERMÚDEZ, Ana Carla. Enem 2019: 53 candidatos tiraram nota mil na redação; 143 mil tiraram zero. UOL. Disponível em: <<http://mod.lk/enem>>.

de um volume de informações cifradas contidas em algumas dezenas de páginas (que é como muitos adolescentes veem os livros) com o objetivo efêmero de serem aprovados no vestibular e passem a perceber que a “verdade de mentira” escondida naquelas páginas é muito mais do que um mero enredo ou um simples relato.

Essa “verdade de mentira”, ao viabilizar a imersão em outra lógica de realidade, movida pela imaginação e pela fantasia, abre para eles uma infinita gama de possibilidades. É o velho e conhecido “what if?” dos escritores – em português, o “e se?”. E se isto acontecesse? E se determinado fato não tivesse sucedido do modo como se deu? E se um morto resolvesse escrever suas memórias póstumas? E se eu acordasse transformado em uma barata?

O contato com os grandes prosadores não apenas amplia o repertório cultural e de linguagem dos leitores, mas os contamina dessa amplitude de reflexão e de pensamento e os liberta dos determinismos cotidianos de que muitos jovens são vítimas em um país como o Brasil: “E se a minha vida fosse diferente do que é?”.

Ao sair do real, a literatura nos traz um entendimento profundo do que o mundo é, das dimensões nem sempre discerníveis do tempo e do espaço, de quais coordenadas silenciosas regem nossas vidas em sociedade. Enfim, a leitura dos bons autores, do presente e do passado, nacionais e estrangeiros, nos dá uma consciência cidadã do nosso papel como ser humano em um mundo em que os valores cada vez mais se metamorfoseiam e se pulverizam.

Assim disse o jornalista e escritor José Castello, em uma entrevista para o Caderno 2:

Queremos sempre estar quites com o mundo, mas nunca conseguimos. Este “nunca conseguir” é a própria vida. Enquanto a ciência perfura as coisas em busca de seu centro e a religião se eleva na ilusão de vê-las por inteiro, a literatura dança em torno delas. Ninguém escreve um romance para dizer a verdade, ou chegar à verdade. Para a literatura, o mundo é um enigma em torno do qual só nos resta girar e dançar.

Cabe à escola, no geral, e aos professores, de modo particular, rever sua forma de atuar para atingir o coração e a mente do jovem do século XXI, ávido de conhecimento, de verdades, de vida, mas também das “verdades de mentira” com que a literatura, desde Homero, Dante, Shakespeare, Cervantes, Víctor Hugo, Machado vêm enriquecendo a alma humana.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Nesta seção, os professores de Língua Portuguesa em diálogo com docentes de outros componentes curriculares encontram sugestões para uma abordagem interdisciplinar, estabelecendo conexões entre a invenção literária e outras formas de discurso ou práticas do mundo social, considerando a obra literária como uma estrutura móvel, capaz de dar respostas diversas em diferentes contextos. As atividades propostas transitam entre o contexto de produção e de recepção da obra literária, procurando refletir a respeito das expectativas de cada período, de cada grupo social com o propósito de desenvolver a capacidade argumentativa e inferencial dos estudantes. Assim como na seção Propostas de atividades 1, aqui a organização também se dá em atividades para os momentos de pré-leitura, leitura e pós-leitura.

AS ATIVIDADES DE PRÉ-LEITURA MOBILIZAM A ANÁLISE GLOBAL DO TEXTO (A PARTIR DO TÍTULO, DA CAPA, DOS ELEMENTOS PARATEXTUAIS, DAS ILUSTRAÇÕES – SE PRESENTES), ESTIMULANDO PREDIÇÕES BEM COMO A MOBILIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS PRÉVIOS NECESSÁRIOS AO ENTENDIMENTO DA OBRA.

PRÉ-LEITURA

LÍNGUA PORTUGUESA Faça com os alunos um levantamento daquilo que já sabem a respeito do gênero “crônica”. Como identificá-lo? Quais são suas principais características? Quais são os temas mais recorrentes? Proponha a seguir que façam uma pesquisa mais detalhada a respeito desse gênero, de modo a ajustar ou complementar as informações levantadas. Como surgiu a crônica? Como ela se modificou através dos tempos? Quais são os diferentes tipos de crônica? Quais

são os principais cronistas da literatura brasileira? Por que a crônica, em seu formato atual, é considerada um gênero tipicamente brasileiro? Peça aos alunos que pesquisem em *sites*, jornais e livros e tragam algumas crônicas publicadas na semana para ler com a classe. Que tipos diferentes de crônica podem ser identificados nessa pequena amostra? Qual é a diferença entre uma crônica e um artigo? E entre uma crônica e um conto?

As **ATIVIDADES DE LEITURA** IMPLICAM A COMPREENSÃO DO CONTEÚDO TEMÁTICO COM A SELEÇÃO DAS INFORMAÇÕES RELEVANTES PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA SÍNTESE E PARA A CHECAGEM DAS PREDIÇÕES FEITAS ANTES DA LEITURA, PARA CONFIRMÁ-LAS, REFORMULÁ-LAS OU REFUTÁ-LAS.

LEITURA

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Peça aos alunos que desenvolvam uma crônica cujo mote é esta frase, que está na página 33 do livro: “A melhor coisa do mundo é esperar e a mais difícil é esperar”. Oriente-os a escrever sobre qualquer assunto ou situação, desde que o texto tenha relação com essa frase.

2. **LÍNGUA PORTUGUESA** Na página 31, o autor usou uma figura de linguagem chamada eufemismo nesta passagem: “Mas, a cada mês, há menos gente nesses encontros”. Questione os alunos: O que é um eufemismo? Em que consistiu o eufemismo na frase destacada? Leve-os a perceber que o autor optou por um modo mais ameno para dizer que os velhos ferroviários estavam morrendo.

3. **LÍNGUA PORTUGUESA** Chame a atenção dos estudantes para a presença do fluxo de pensamento por meio do discurso indireto livre no trecho de *Bebel que a cidade comeu*, na página 22. Peça aos alunos que o identifiquem. Após relerem o trecho, questione os alunos: O que caracteriza o discurso indireto livre? Proponha uma atividade para relembrar esse conceito.

Amplie a reflexão trazendo a informação de que o fluxo de pensamento, uma das marcas da narrativa moderna, é um expediente literário muito útil para o narrador, pois permite que tenha o controle do que mostrar e do que esconder do leitor, por meio de ambiguidades, de acordo com sua estratégia narrativa.

As **ATIVIDADES DE PÓS-LEITURA** PROMOVEM A REFLEXÃO SOBRE O CONTEÚDO TEMÁTICO OU EXPRESSIVO DA OBRA A PARTIR DE OUTRAS REFERÊNCIAS QUE PERMITEM IDENTIFICAR DIFERENTES PERSPECTIVAS POSSÍVEIS PARA O TEMA, ESTIMULANDO UMA RESPOSTA CRÍTICA QUE PODE ENVOLVER VÁRIOS NÍVEIS DE COMPLEXIDADE OU GERAR NOVAS PERGUNTAS, QUE ENRIQUECEM E TRANSFORMAM A EXPERIÊNCIA LEITORA.

PÓS-LEITURA

1. **LÍNGUA PORTUGUESA** Comente com os alunos que a obra que acabaram de ler é considerada um livro de crônicas. No entanto, não são as crônicas tradicionais que estamos acostumados a ler nos jornais e revistas. Indague aos estudantes quais elementos de outros gêneros podemos identificar nas crônicas de *A morena da estação*. Leve-os a perceber que há, em alguns momentos, elementos de novela, de conto, de uma narrativa de memórias. Por exemplo: o livro não termina sem que o mistério da locomotiva que desapareceu no túnel fosse desvendando. Ou seja, há um vínculo implícito entre os acontecimentos, que fez com que o autor, nesse caso, presenteasse o leitor com o desvelamento do mistério.

2. **HISTÓRIA** Chame a atenção dos alunos para o fato de que a estação de trem da Barra Funda, mencionada no trecho do romance *Bebel que a cidade comeu*, já não existe mais. Em seu lugar, foi construído o terminal Barra Funda, que inclui estação de metrô e de trens. Em outra crônica, o autor escreveu, ao se referir à era dos trens e das grandes ferrovias: “Um tempo que existiu e que, às vezes, parece ficção” (p. 15-16).

Problematize esse fato com os alunos. Como o novo e o antigo convivem na sua cidade? Há coisas

antigas (lugares, costumes, construções, meios de transporte etc.) que ainda têm serventia ou validade? Que valor elas têm para você? De que modo a ideia do novo é explorada em vários âmbitos da nossa sociedade, sobretudo pela propaganda e pelos políticos? Por fim, aprofunde a questão e pergunte: O capitalismo – ou seja, aquilo que faz com que as coisas mudem – destrói criando ou cria destruindo? Explique que essa é uma das perguntas que muitos estudiosos fazem atualmente sobre a natureza das mudanças materiais e imateriais nas sociedades de nossa época. Conclua dizendo que, dependendo da resposta, eles darão mais ênfase à ideia de criação ou à de destruição.

3. **HISTÓRIA** Chame a atenção dos estudantes para o fato de que há museu de tudo no mundo: de história, de arte, de ciência, da Língua Portuguesa, de antropologia, do telefone, do automóvel, do trem, do futebol, do crime, da pessoa etc. Indague aos alunos: Por que é importante preservar a memória? O questionamento pode ser feito em uma roda informal de conversa, para que debatam livremente e reflitam sobre o valor da memória e suas implicações.

4. **HISTÓRIA** Como o livro de Ignácio de Loyola Brandão é rico em temas e assuntos, divida a classe em grupos e solicite a eles que pesquisem sobre eles:

- a)** Peça aos alunos que atentem para a frase “Muito mineiro atirou em paulista, muito paulista atirou em gaúcho” (p. 126). O autor se referiu à Revolução de 1932, durante o primeiro governo de Getúlio Vargas. Solicite aos alunos que pesquisem o local, o tempo de duração, as motivações e as consequências dessa revolução e quem esteve no campo de batalha.
- b)** Na página 65 são mencionados os andarilhos. Peça que pesquisem: Quem são os andarilhos? Por que andam? De onde vêm? Para onde vão? Quem são seus familiares?
- c)** Na página 145 o autor menciona ligeiramente o conceito sociológico do não-lugar. Nome estranho, não? O que seria um não-lugar? Por que é chamado dessa forma? Comente que esse conceito, por oposição, remete ao conceito geográfico e sociológico de lugar. Peça que pesquisem esses conceitos e como se relacionam com aquilo que vem sendo chamado de Pós-Modernidade.

5. SOCIOLOGIA Comente com os alunos que hoje existem as redes sociais. Mas que, no tempo da infância do autor, segundo as crônicas, havia as cadeiras nas calçadas. Indague: O que se ganhou e o que se perdeu com a mudança desses costumes?

6. SOCIOLOGIA Na crônica *Enfrentando o trem cara a cara* (p. 79), o autor relata os desafios que se impunham, quando meninos, como o de andar se equilibrando nos trilhos ou o de ficar na

linha do trem até a proximidade máxima da composição. Tratava-se de um ritual criado entre os garotos, com suas regras próprias, que envolvia correr algum tipo de perigo. Trazendo para as regras da sociedade, comente que toda sociedade tem suas tradições, seus costumes, seus rituais, seus ritos de passagem. Pergunte aos alunos: Qual é a função do ritual para uma comunidade? Explique que, quando se diz ritual, queremos nos referir às práticas que fazem com que as pessoas experimentem situações que fogem à lógica normal de comportamento social e que as alienam do dia a dia, para que expurquem de algum modo seus medos inconscientes ou sua tensão do cotidiano, como, por exemplo, o Carnaval, os rituais religiosos, um *show* musical, um jogo de futebol ou de outras modalidades esportivas etc. Por fim, questione-os: Vocês praticam algum tipo de ritual, individual ou coletivo, mesmo sem ter consciência de que aquilo é um ritual? Já praticaram atos semelhantes aos que o autor revela em sua crônica? Peça aos alunos que se dispuserem a falar que relatem suas experiências e os efeitos que causam.

7. SOCIOLOGIA Comente com os alunos que, de acordo com o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, vivemos tempos líquidos, ou seja, tempos em que as coisas são efêmeras – vida líquida, felicidade líquida, amor líquido, modernidade líquida –, ou seja, não costumam durar muito. Diga que isso vale para um produto, um emprego, uma relação social ou amorosa. Pensando na teoria de Bauman, peça que reflitam sobre

a relação entre José e Terezinha, revelada na crônica *Pequena história de amor* (p. 86). O que essa relação revela sobre os anos 1940 e 1950 no que diz respeito não apenas aos namoros e casamentos, mas também em relação aos empregos e aos produtos? Por que, em nossa época, as coisas já nascem, metaforicamente, com data de validade bem demarcada? Peça que tragam exemplos pessoais ou de que ficaram sabendo.

8. **ARTE** Promova, se possível, a audição das canções a seguir, que falam de trens de vários pontos de vista: poético, memorialístico, de situações específicas etc. – os comentários sobre elas estão nas Sugestões de Referências Complementares deste encarte. Elas podem ser exploradas de diversas maneiras em sala de aula, de acordo com a sua estratégia didática: a) podem servir de tema para uma produção de texto na qual os estudantes devem escrever de forma crítica sobre o que diz a letra; b) podem ser objeto de discussão em sala de aula; c) podem servir de sensibilização para o início de uma aula sobre determinado tema explorado no livro. Se possível, peça aos estudantes que tragam de casa a letra da canção impressa. Estimule-os a buscar informações sobre os compositores e cantores, além dos gêneros musicais apresentados. As canções estão divididas por temas, para facilitar o uso didático delas.

Villa-Lobos

O trenzinho do caipira, de Heitor Villa-Lobos.

Disponível em: <<http://mod.lk/trenzinh>>.

O trenzinho do caipira, de Heitor Villa-Lobos, com Edu Lobo e letra de Ferreira Gullar.

Disponível em: <<http://mod.lk/caipira>>.

Memória

Ponta de Areia, de Milton Nascimento e Fernando Brant.

Disponível em: <<http://mod.lk/pontadea>>.

Ponta de Areia, de Milton Nascimento e Fernando Brant, com o Grupo Corpo.

Disponível em: <<http://mod.lk/grucor>>.

Ponta de Areia, de Milton Nascimento e Fernando Brant, com Nana Caimmy.

Disponível em: <<http://mod.lk/nana>>.

O trem como metáfora

Expresso 2222, de Gilberto Gil.

Disponível em: <<http://mod.lk/2222>>.

O trem azul, de Lô Borges com Elis Regina.

Disponível em: <<http://mod.lk/tremazul>>.

Viver, de Teca Calazans.

Disponível em: <<http://mod.lk/vivertec>>.

Trem-bala, de Ana Vilela.

Disponível em: <<http://mod.lk/trembala>>.

Trem das cores, de Caetano Veloso.

Disponível em: <<http://mod.lk/tremdasc>>.

Encontros, desencontros e despedidas

Encontros e despedidas, de Milton Nascimento e Fernando Brant.

Disponível em: <<http://mod.lk/despedid>>.

O trem das 7, de Raul Seixas e Paulo Coelho.

Disponível em: <<http://mod.lk/tremdass>>.

Trem das onze, de Adoniran Barbosa.

Disponível em: <<http://mod.lk/tremdaso>>.

9. **ARTE** Promova, se for possível, uma sessão de cinema em sala de aula com alguns dos filmes (mencionados em *A morena da estação*) e vídeos, que abordam o universo dos trens e

tudo o que ele suscita na memória afetiva do autor. Você também pode solicitar aos alunos que se organizem individualmente, em duplas ou em grupos, na casa de algum deles, para a realização da sessão. Estimule-os a buscar informações sobre o diretor e os atores e sobre a história que é contada e seu contexto, e a traçar paralelos com situações narradas no livro, e a observarem que diferentes atmosferas as estações de trem evocam em cada filme: mistério, tragédia, romance, aventura, suspense, melancolia etc.

Doutor Jivago. (EUA, 1965). Drama, História, romance. Direção de David Lean. Duração: 3h17min. O filme conta o antes, o durante e o depois da Revolução Russa de 1917 sob a ótica de Yuri Zhivago, médico e poeta, casado com a aristocrata Tonya, mas que mantém uma relação com Lara, uma enfermeira por quem é apaixonado e que traz um terrível drama em sua história. Chame a atenção dos alunos para a crítica ao totalitarismo stalinista que permeia o filme, com a menção aos trens que foram usados para fins desumanos: os veículos superlotados que transportavam prisioneiros aos campos de concentração nazista.

O Assalto ao Trem Pagador. (Brasil, 1962). Policial. Direção de Roberto Farias. Duração: 1h30min. O filme narra a história de seis homens, oriundos de favelas cariocas, que assaltam um trem pagador na estrada de ferro Central do Brasil, no interior do Rio de Janeiro. Eles passam a viver discretamente, para não despertar suspeitas da polícia, mas o cerco se fecha sobre o grupo.

Era uma vez no Oeste. (EUA/Itália, 1968). Faroeste, drama. Direção de Sérgio Leone. Duração: 2h55min. Um pai e seus filhos são assassinados porque suas terras ficam em um local onde se pretende construir uma estrada de ferro. Após as mortes, o matador descobre que a verdadeira dona das terras é uma prostituta de Nova Orleans, que passa a ser protegida por um hábil atirador.

Vídeos

História das ferrovias no Brasil. Globo Repórter, 6 abr. 2012. Rede Globo. Programa que mostra a história das ferrovias no Brasil pela voz de seus protagonistas, os trens, as estradas de ferro e os maquinistas, ao mesmo tempo que salienta o absurdo do abandono dos trens como transporte de passageiros no país. Disponível em: <<http://mod.lk/ferrovia>>.

E agora... A rede sumiu. Histórias dos ferroviários de Paranapiacaba e da privatização da RFSSA. Documentário, 2014. Direção de Daniela Gualassi. Trabalho de Conclusão de Curso das alunas do 8º semestre de Jornalismo da FAPSP – Faculdade de Comunicação, o documentário mostra depoimentos de ferroviários residentes na Vila de Paranapiacaba (Santo André/SP) e seus familiares, uma pequena amostra da situação ferroviária no país após as privatizações das últimas décadas. Disponível em: <<http://mod.lk/eagora>>.

Milton Nascimento declama o poema "Trem de ferro", de Adélia Prado. 30 set. 2020. O cantor e compositor carioca, mas "mineiro de alma", Milton Nascimento declama o poema "Trem de ferro", da poeta mineira Adélia Prado. Disponível em: <<http://mod.lk/tremdefe>>.

LITERATURA É APRENDIZADO DE HUMANIDADE

DOUGLAS TUFANO

A literatura não é matéria escolar, é matéria de vida.

A boa literatura problematiza o mundo, tornando-o opaco e incitando à reflexão. É um desafio à sensibilidade e à inteligência do leitor, que assim se enriquece a cada leitura. A literatura não tem a pretensão de oferecer modelos de comportamento nem receitas de felicidade; ao contrário, provoca o leitor, estimula-o a tomar posição diante de certas questões vitais. A literatura propicia a percepção de diferentes aspectos da realidade. Ela dá forma a experiências e situações que, muitas vezes, são desconcertantes para o jovem leitor, ao ajudá-lo a situar-se no mundo e a refletir sobre seu próprio comportamento.

Mas essa característica estimuladora da literatura pode ser anulada se, ao entrar na sala de aula, o texto for submetido a uma prática empobrecedora, que reduz sua potencialidade crítica.

Se concordarmos em que a escola deve estar mais atenta ao desenvolvimento da maneira de pensar do que à memorização de conteúdos, devemos então admitir que sua função mais importante é propiciar ao aluno atividades que desenvolvam sua capacidade de raciocínio e argumentação, sua sensibilidade para a compreensão das múltiplas facetas da realidade. A escola, portanto, deveria ser, antes de tudo, um espaço para o exercício da liberdade de pensamento e de expressão.

E se aceitarmos a ideia de que a literatura é uma forma particular de conhecimento da realidade, uma maneira de ver o real, entenderemos que ela pode ajudar enormemente o professor nessa tarefa educacional, pois pode ser uma excelente porta de entrada para a reflexão sobre aspectos importantes do comportamento humano e da vida em sociedade, e ainda permite o diálogo com outras áreas do conhecimento.

O professor é o intermediário entre o texto e o aluno. Mas, como leitor maduro e experiente, cabe a ele a tarefa delicada de intervir e esconder-se ao mesmo tempo, permitindo que o aluno e o texto dialoguem o mais livremente possível.

Porém, por circular na sala de aula junto com os textos escolares, muitas vezes o texto literário acaba por sofrer um tratamento didático, que desconsidera a própria natureza da literatura. O texto literário não é um texto didático. Ele não tem uma resposta, não tem um significado que possa ser considerado correto. Ele é uma pergunta que admite várias respostas; depende da maturidade do aluno e de suas experiências como leitor. O texto literário é um campo de possibilidades que desafia cada leitor individualmente.

Trabalhar o texto como se ele tivesse um significado objetivo e unívoco é trair a natureza da literatura e, o que é mais grave do ponto de vista educacional, é contrariar o próprio princípio que justificou a inclusão da literatura na escola. Se agirmos assim, não estaremos promovendo uma educação estética, que, por definição, não pode ser homogeneizada, massificada, despersonalizada. Sem a marca do leitor, nenhuma leitura é autêntica; será apenas a reprodução da leitura de alguma outra pessoa (do professor, do crítico literário etc.).

Cabe ao professor, portanto, a tarefa de criar na sala de aula as condições para o desenvolvimento de atividades que possibilitem a cada aluno dialogar com o texto, interrogá-lo, explorá-lo. Mas essas atividades não são realizadas apenas individualmente; devem contar também com a participação dos outros alunos – por meio de debates e troca de opiniões – e com a participação do professor como um dos leitores do texto, um leitor privilegiado, mas não autoritário, sempre receptivo às leituras dos alunos, além de permitir-lhes, conforme o caso, o acesso às interpretações que a obra vem recebendo ao longo do tempo.

Essa tarefa de iniciação literária é uma das grandes responsabilidades da escola. Uma coisa é a leitura livre do aluno, que obviamente pode ser feita dentro ou fora da escola. Outra coisa é o trabalho de iniciação literária que a escola deve fazer para desenvolver a capacidade de leitura do aluno, para ajudá-lo a converter-se num leitor crítico, pois essa maturidade como leitor não coincide necessariamente com a faixa etária. Ao elaborar um programa de leituras, o professor deve levar em conta as experiências do aluno como leitor (o que ele já leu? como ele lê?) e, com base nisso, escolher os livros com os quais vai trabalhar.

Com essa iniciação literária bem planejada e desenvolvida, o aluno vai adquirindo condições de ler bem os grandes escritores, brasileiros e estrangeiros, de nossa época ou de outras épocas. Nesse sentido, as noções de teoria literária aplicadas durante a análise de um texto literário só se justificam quando, efetivamente, contribuem para enriquecer a leitura e compreensão do texto, pois nunca devem ser um fim em si mesmas. A escola de Ensino Fundamental e Médio quer formar leitores, não críticos literários. Só assim é possível perceber o especial valor educativo da literatura, que, como dissemos, não consiste em memorizar conteúdos mas em ajudar o aluno a situar-se no mundo e a refletir sobre o comportamento humano nas mais diferentes situações. Literatura é aprendizado de humanidade.

Nesta seção, apresentamos aos professores de Língua Portuguesa orientações e subsídios que podem ajudá-los a ter claras as definições conceituais do cânone literário, já estudadas em seus anos de formação, mas sempre sujeitas a controvérsias (como veremos adiante), bem como às rupturas formais e instrumentais que a literatura, em sua dinâmica própria, estabeleceu ao longo dos séculos até os dias de hoje. Ao fazer da experiência humana matéria-prima de sua atividade, não se pode esperar que a literatura se deixe aprisionar em conceitos abstratos. No entanto, e sobretudo na escola, em que os alunos estão muitas vezes tendo o primeiro contato com a sistematização desse estudo, é preciso que eles conheçam as conceituações básicas, para que, com base nelas, ampliem e aprofundem o seu conhecimento.

Com essas orientações e subsídios, o professor poderá organizar a sua leitura e apreensão do fenômeno literário, para que possa explorar as suas potencialidades e aplicá-las de forma proveitosa e fecunda no contato com os estudantes, fazendo com que a aula de literatura extrapole o âmbito meramente daquele que sabe e daquele que aprende, mas se transforme em um diálogo vivo, uma troca criativa e inovadora que, sem dúvida, irá conduzir aquele que aprende ao conhecimento da literatura, mas também irá proporcionar àquele que sabe a experiência de poder rever seus conhecimentos, ampliando-os, à luz da comunhão que a leitura proporciona.

As orientações e subsídios a seguir contemplam ainda o diálogo que as obras literárias, naquilo que possuem de específico e de universal, estabelecem com as produções artísticas de outros gêneros, literários ou não, contemporâneas ou de outro tempo. Na já referida dinâmica própria do fazer e do fruir literários, que se acentuaram nos últimos séculos com o advento de novas formas de arte – haja vista as possibilidades que a revolução digital tem proporcionado tanto a quem lê quanto a quem produz literatura em nossos dias –, não é mais razoável nem satisfatório que a experiência dos alunos com os livros se circunscreva apenas ao âmbito das palavras, por mais ricas e infinitas que sejam. É necessário que eles adquiram um olhar pragmático para compreender de que modo aquilo que o escritor, dramaturgo ou poeta colocou em sua obra, com toda a sutileza e a singularidade com que foi concebido, pode ser visto de outros prismas estéticos, outras concepções artísticas, outros ângulos epistemológicos, enfim, outros olhares, sem deixar de ser fiel à “espinha de peixe” – expressão usada pela cineasta Suzana Amaral, pródiga em transpor obras literárias para o cinema, para se referir ao manancial de conhecimento do mundo ímpar que toda obra literária traz.

O GÊNERO DA OBRA

CRÔNICA

O gênero crônica está associado, em sua origem, ao vocábulo grego *khrónos* (nome emprestado do deus grego Cronos), que significa tempo. *Cronômetro* e *cronologia*, por exemplo, palavras que se relacionam com o tempo, também têm origem nesse vocábulo. A palavra *crônica*, por sua vez, provém de *khroniká*, que significa “relacionado ao tempo”. Em latim, essa palavra derivou para *chronica*, empregada para indicar os escritos que faziam o registro dos acontecimentos históricos em uma sequência cronológica, sem se preocupar em interpretar os fatos ou em se aprofundar neles.

No século XIX, com o crescimento das grandes massas de trabalhadores nas metrópoles, atraídos pelo trabalho assalariado nas fábricas, a literatura começou a se oferecer como um entretenimento possível ao proletariado – uma vez que as elites sempre a cultivaram. Com a consolidação da imprensa, que engendrou os primórdios daquilo que conhecemos hoje como “opinião pública”, ganharam forma nesse período os romances de folhetim, que eram lidos com a avidez com que se assiste às novelas de TV hoje em dia. De modo tímido e discreto, no entanto, a crônica foi se insinuando nas páginas dos jornais, ainda sem a configuração com que a conhecemos atualmente. Um grande cronista desse período, para se ter uma ideia do vigor que a crônica já possuía, foi Machado de Assis, que, não obstante a acurácia de sua narrativa, não alcançava o mesmo destaque que seus contos e romances.

Foi somente no início do século XX, com o advento da República e uma sociedade mais dinâmica, que convivia com velhos problemas – como a abolição mal resolvida dos escravizados e revoltas que evidenciavam uma parcela crítica da população com os rumos do país –, que a crônica começou a tomar forma. A imprensa já possuía certa envergadura econômica e podia manter um grupo seleto de escritores – como fez o jornal *O Estado de S. Paulo* – para exercer a crítica descontraída da sociedade, dos costumes e dos grandes temas da época por meio de textos que se diferenciavam das notícias e reportagens sobre os assuntos importantes do dia, com textos com forte teor jornalístico, objetivos e diretos.

Grande importância teve a Semana de Arte Moderna, de 1922, para que a literatura brasileira – e com ela a crônica – se desvinculasse das influências francesa e portuguesa. Vem das décadas de 1920 e 1930 a primeira leva dos grandes cronistas brasileiros, que iriam sedimentar o caminho para as gerações seguintes.

Dessa primeira safra, destaca-se o capixaba Rubem Braga, filho do jornalismo de guerra, apreciador de árvores e passarinhos, que nas décadas de 1940 e 1950 burilou um estilo próprio, que faria escola e daria o tom, nas décadas seguintes, do que deveria ser uma boa crônica para agradar sobretudo ao leitor urbano, uma vez que as cidades, com bancas de jornal em que se podiam comprar os diários e as revistas com crônicas saídas quentinhas do forno, propiciavam o encontro entre os cronistas e seu leitor.

Arredio a badalações – e, dizem, em geral mal humorado, no bom sentido –, o “velho Braga”, como era chamado carinhosamente pelos amigos, respondeu com atilada ironia a um jornalista que lhe pediu que definisse a crônica.

– Se não é aguda, é crônica – respondeu Rubem Braga.

Anos depois, Fernando Sabino, outro grande expoente do gênero, também sem paciência para tentar conceituar o que era crônica, saiu-se com essa:

– Crônica é tudo aquilo que o cronista chama de crônica.

Para bom entendedor, tente conceituar a crônica, colocá-la em uma redoma de vidro para observá-la ou em um tubo de ensaio para decompor seus elementos, e você a perderá – talvez para sempre. Em vez disso, por que não deixar que os cronistas as escrevam e os leitores as leiam? Talvez tenha sido isso que Rubem Braga e Fernando Sabino quiseram dizer com suas respostas enviesadas.

No mundo da eficiência e das definições em que vivemos atualmente, no entanto, tudo precisa ser analisado, codificado, compartimentalizado em sistemas abstratos mediante métodos e práticas. Assim, nem a crônica, por mais que esperneasse, conseguiu escapar das análises e das conceituações. De modo que hoje, não apenas podemos ler crônicas saborosas dos mais diferentes estilos – de humor, poética, ensaística, narrativa, reflexiva, metalinguística etc. –, como podemos ler alentados trabalhos – muitos deles excelentes – que fornecem informações preciosas sobre a prática da crônica e seus autores (com as quais nem o velho Braga nem Fernando Sabino sonhariam). Nada substitui, porém, a velha e simples prática de pegar um livro nas mãos, abrir na primeira página – ou, se for um livro de crônica, no início de uma crônica qualquer – e começar a percorrer suas páginas com os olhos, o pensamento e a emoção. É tudo o que uma crônica – como, de resto, toda a literatura de ficção – requer.

SOBRE OS ESTILOS LITERÁRIOS

Para introduzir a questão da arte moderna, e, por extensão, da literatura moderna, seria bom considerar este comentário de 1956, do poeta pernambucano João Cabral de Melo Neto, que expressa uma concepção com que qualquer artista moderno ou contemporâneo concordaria:

“O autor de hoje trabalha à sua maneira, à maneira que ele considera mais conveniente à sua expressão pessoal. Do mesmo modo que cria sua mitologia e sua linguagem pessoal, ele cria seu conceito de poema e, a partir daí, seu conceito de poesia, de literatura, de arte. Cada poeta tem a sua poética. Ele não está obrigado a obedecer a nenhuma regra, nem mesmo àquelas que em determinado momento ele mesmo criou, nem a sintonizar seu poema a nenhuma sensibilidade diversa da sua. O que se espera dele, hoje, é que não se pareça a ninguém, que contribua com uma expressão original. [...]

Para empregar uma palavra bastante corrente na vida literária de agora, o que se exige de cada artista é que ele transmita aquilo que em si é o mais autêntico, e sua autenticidade será reconhecida na medida em que não se identifique com nenhuma expressão já conhecida. Não é preciso lembrar que, para atingir essa expressão pessoal, todos os direitos lhe são concedidos. [...]

Pode-se dizer que hoje não há **uma** arte, não há **a** poesia, mas há artes, há poesias. Cada arte se fragmentou em tantas artes quantos forem os artistas capazes de fundar um tipo de expressão pessoal.”

NUNES, Benedito (org.). *João Cabral de Melo Neto*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1971, p. 190-191. (Coleção Poetas Modernos do Brasil)

Como se vê, chegou ao fim a noção de “estilo”, “escola” ou “convenção” literária, tal como se concebia nos séculos anteriores. Esse é um processo que começa com o Romantismo, no século XIX, e atinge seu maior desenvolvimento no século XX. É a proclamação da independência estética do artista moderno, fenômeno que se verifica em praticamente todos os campos artísticos, da música à literatura e às artes plásticas. Cada artista cria sua própria concepção de arte. Daí a sensação de “estilhaçamento” quando observamos o panorama da literatura moderna e contemporânea. Hoje, estudamos autores e não grupos ou gerações literárias.

Isso não quer dizer que os escritores de hoje não tenham nada a ver com a tradição. Têm, sim, mas a diferença agora é que a forma de apropriação da tradição é feita de maneira absolutamente pessoal.

Os primeiros vinte anos do século XX, na Europa, assistiram a essa desintegração total dos chamados “estilos de época”, com repercussões profundas no Brasil a partir principalmente da década de 1920. A Semana de Arte Moderna de 1922 pode ser vista como um ponto de referência desse processo de transformação.

Ao falar da poesia brasileira do século XXI, Manuel da Costa Pinto reitera o que disse João Cabral, cinquenta anos antes. Sobre os poetas que selecionou para sua Antologia, diz ele: “[...] sem esquecer, é claro, que todo escritor possui uma singularidade irredutível a influências e recortes teóricos”. (*Antologia comentada dos poetas brasileiros do século 21*, Publifolha). É o reconhecimento do fim dos estilos que englobavam escritores de uma mesma geração ou época.

O QUE É LITERATURA?

Seria importante que os professores levassem o aluno a perceber que literatura é construção da linguagem. Isto é, ainda que tenha como referência o mundo real, a marca da literatura é o fato de ser ficção, ela é fruto da inventividade do autor. Literatura é, pois, recriação da realidade e não, como muitas vezes se diz, um “retrato” da realidade. E nessa recriação o autor tem plena liberdade, como disse João Cabral. Pode explorar formas de linguagem, criar palavras, imaginar enredos – nada o prende à realidade imediata. E é exatamente essa liberdade que torna a literatura um campo de possibilidades virtualmente infinito. Ao entrar nesse universo fictício, o leitor sabe que qualquer coisa pode acontecer. Não é um jogo de cartas marcadas, mas um espaço desconhecido a ser percorrido e descoberto.

Desenvolver esse novo conceito de literatura como uma “aventura” intelectual talvez seja o grande desafio da escola. O aluno não deve ler como se fizesse uma prova ou um questionário (como ocorre nos vestibulares, por exemplo). Deve ler como uma conquista, porque isso pode abrir seu horizonte existencial. Essa é a dimensão educativa da literatura.

O declínio da importância das “escolas literárias” levou ao declínio também da preocupação em reconhecer as características de cada uma, como uma lista a ser decorada. Por isso, hoje a literatura deve ser trabalhada como forma de enriquecimento e ampliação do universo emocional e intelectual do aluno. Esse deve ser o resultado das leituras feitas no Ensino Fundamental e Médio.

Nesse sentido, a diversidade de gêneros literários é importante para a formação do leitor, para abrir o seu horizonte, para mostrar-lhe o que ele pode usufruir ao longo de sua vida, e não apenas durante os anos escolares. A escola é apenas o ponto de partida, e não o ponto de chegada.

Por isso, mesmo um livro escrito há vários séculos, como *D. Quixote*, permanece atual. Porque proporciona essa aventura intelectual, esse voo da imaginação. Não para alienar o leitor, mas para fazer com que ele, no fim da leitura, volte à sua realidade e a veja com outros olhos. O diálogo da obra com o mundo em que vive o aluno é fundamental para que a literatura exerça seu papel educativo.

Essa nova concepção de leitura e formação do leitor é fundamental para as escolas criarem seus projetos de leitura, isto é, a seleção de livros que os professores *devem ler junto* com os alunos. Podemos identificar o conceito de educação de uma escola com base nos livros que ela indica e nos livros que ela *não* indica.

Por isso, o mestre Antonio Candido dizia que o acesso à literatura deveria ser um direito básico do ser humano.

PROPOSTAS DE ATIVIDADES DE APROFUNDAMENTO

Em **Atividades de aprofundamento**, são apresentadas propostas que permitem compreender o funcionamento contemporâneo das convenções literárias relacionadas à obra, apoiar a leitura crítica, criativa e propositiva para explorar as potencialidades da escrita literária com os estudantes. Nessa seção, indicam-se também produções contemporâneas de outros gêneros (literários ou não) que permitem um diálogo intertextual com diferentes aspectos da organização da expressão literária e sua articulação com a experiência individual e social.

1. **HISTÓRIA** Peça aos alunos que atentem para a frase: “Nunca se esqueça, essas são as histórias interessantes do mundo, as das pessoas; o que não vemos fica oculto.” (p. 226). Comente com os estudantes que essa afirmação aponta uma mudança de abordagem dos estudos históricos no último século que se reflete no modo como estudamos a história nos dias de hoje. Acrescente que, antigamente, e há até bem pouco tempo, a história se restringia a estudar as ações dos governantes, suas decisões políticas, tomadas nos palácios e gabinetes. Mas que, atualmente, a história que mais interessa é aquela que acontece no dia a dia das pessoas, o que se convencionou chamar de “história da vida privada”. Afinal, são as pessoas, com sua luta diária pela sobrevivência, e também suas tradições, seu jeito de falar, de rir, de compreender o mundo, a música de que gostam, a roupa que vestem, a culinária que produzem e consomem, os hábitos que cultivam, enfim, sua história pessoal e sua cultura que fazem a história. Diante dessa explicação, questione os alunos sobre se as crônicas que acabaram de ler estão coerentes com essa forma de encarar a história. Quais aspectos da vida elas privilegiam: o do poder – que, de todo modo, não pode ser desprezado –, ou o das ações e emoções do dia a dia?
2. **HISTÓRIA** Comente com os estudantes que a história das ferrovias tem início com a Primeira Revolução Industrial, no século XVIII, cujo ápice se confunde com o auge da Era Industrial no mundo, no início do século XX, e que o declínio da era das ferrovias está no mesmo compasso do declínio da Era Industrial, na segunda metade do século XX, dando ensejo à Era Pós-Industrial. Por fim, explique que o Brasil acompanhou esse movimento da história. Com base nessa ligeira descrição, proponha à turma que, em grupos, façam uma pesquisa a respeito da história das ferrovias no Brasil. Como se trata de um assunto bastante amplo, você pode discutir previamente com os alunos a definição dos temas que caberão a cada grupo, para que, no final, o trabalho

represente um amplo painel do complexo fenômeno do desenvolvimento e declínio das ferrovias em nosso país. Como ponto de partida, sugira a eles algumas possibilidades de investigação: Que interesses econômicos e políticos estavam em jogo na criação ou desativação das ferrovias? Que impacto a ferrovia e seu declínio tiveram para as populações? Por que a ferrovia foi abandonada em favor dos automóveis e em que momento isso começou a acontecer? Qual era a malha ferroviária na auge da era das ferrovias e como ela se configura atualmente? Se for o caso, os alunos podem incluir na pesquisa um levantamento sobre a malha ferroviária da Europa ou dos principais países europeus hoje e a velocidade dos trens atualmente no mundo.

3. **FILOSOFIA** A crônica *A corrida da locomotiva solitária* é a mais longa do livro e termina com um questionamento puramente filosófico: “O que é a verdade?” (p. 109). Comente com os estudantes que, desde os primórdios da filosofia, o conceito de verdade se tornou um tema controverso com o surgimento do conceito de relativismo, segundo o qual a verdade depende da visão de cada indivíduo. Acrescente que o relativismo questiona não apenas o que é a verdade, mas também quem a determina e se a verdade é inquestionável. Diante disso, recomende aos alunos que fiquem atentos às questões que cercam o conceito de verdade na contemporaneidade, sobretudo em uma época em que a mídia traz diariamente expressões como *fake news* e pós-verdade.
4. **FILOSOFIA** Na página 133, na crônica *O poético e o exótico nas estações*, o aluno poderá ver a imagem de uma mensagem que, de acordo com a legenda, estava em todos os vagões da companhia de trens Nordeste do Brasil (NOB): “Em obediência a um elementar preceito de higiene, os Snrs. passageiros não devem cuspir dentro dos carros”.

Em outra crônica, *O fascínio de um trem na tela*, podemos ler este trecho: “Havia, naquela época, uma censura particular da igreja católica chamada ‘Orientação Moral dos Espetáculos’, que classificava os filmes como: 1 – Condenado, 2 – Para adultos apenas, 3 – Bom, 4 – Aceitável para crianças, 5 – Recomendado.” (p. 146)

Na mesma crônica, ainda nos deparamos com esta passagem: “[...] ‘É uma história sobre a coragem e a integridade’, resumiu meu pai. ‘É preciso força para ser íntegro’, disse ele, ‘e um dia vai saber disso, a vida está sempre nos colocando à prova’” (p. 150).

Comente com os estudantes que as situações descritas nos trechos se relacionam, de algum modo, com a ética, por meio de um conceito filosófico chamado imperativo categórico. Esse conceito foi criado pelo pensador alemão Immanuel Kant, no século XVIII, fundando a moral moderna. Explique que Kant buscou determinar uma norma de comportamento que fosse universal, cuja máxima é: “Age de tal forma que o seu agir seja modelo de conduta universal”. Para Kant, somos egoístas e ambiciosos por natureza e, por isso, devemos procurar agir de forma virtuosa, ética, desinteressada o tempo todo, não porque algum agente externo nos vigia ou nos monitora, mas porque a nossa razão nos diz que essa é a forma correta de agir em sociedade. Acrescente que esse imperativo vale até os dias de hoje e influencia as políticas públicas e as constituições dos países democráticos.

Diante do exposto, divida a sala em quatro ou cinco grupo e peça que respondam, depois de discutir entre eles: Em que pontos os trechos transcritos se relacionam com o imperativo categórico de Kant? Em outras palavras: Em que sentidos o que se observa nos trechos está em contradição ou coerência com o preceito do filósofo alemão? Peça que expliquem suas conclusões.

PARA O
ALUNO

LIVROS

BRAGA, Rubem. *200 crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011. (Coleção Livro Vira-Vira).

Obra fundamental para quem quer conhecer a crônica brasileira, traz 200 crônicas daquele que é considerado o fundador da crônica moderna no Brasil e um de seus principais expoentes.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Crônicas escolhidas*. São Paulo: Ática, 1981.

Publicação que traz o melhor de um dos mais refinados cronistas brasileiros (que também é poeta). Nas páginas deste livro, o leitor pode tomar contato com as agudas e bem-acabadas percepções de Paulo Mendes Campos sobre as realidades mineira e carioca de seu tempo.

CASTRO, Ruy. *Crônicas para ler na escola*. Seleção e apresentação de Sylvia Helena Cyntrão. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. (Coleção Para ler na escola)

Antologia organizada por temas de crônicas de Ruy Castro, um dos grandes cronistas em atividade hoje em um país, que tomou o gênero crônica para si, criando um estilo próprio de escrevê-las.

CONY, Carlos Heitor. *Quase memória*. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

Tocante história em que o escritor Carlos Heitor Cony fala de seu pai, Ernesto Cony,

jornalista como ele e falecido há mais de uma década na época da publicação do livro (1995), suas obsessões, suas manias, acabando por montar literariamente o painel de uma época – as décadas de 1940 e 1950 – de um Rio de Janeiro que não existe mais. Em muitos momentos, a relação de Cony com seu pai lembra a relação de Ignácio de Loyola Brandão com o dele.

CUNHA, Antonieta (org.). *Marcos Rey – Crônicas para jovens*. São Paulo: Global, 2011. (Coleção Crônicas para Jovens)

Antologia de crônicas do escritor, novelista e cronista paulistano Marcos Rey, em que ele explora o lado cômico e trágico dos seres humanos em textos primorosos.

MACHADO, Antonio de Alcântara. *Apólogo brasileiro sem véu de alegoria* (conto).

Conto publicado postumamente – o autor morreu precocemente, em 1934 –, que narra a história de um motim ocorrido no interior do vagão de um trem que levava os trabalhadores de um matadouro da cidade de Maguari para Belém, no Pará. A graça da história está no fato de que a rebelião se deu porque não havia luz no vagão e foi iniciada por um cego.

Disponível em: <<http://mod.lk/alegoria>>.

○ CANÇÕES ↘

VILLA-LOBOS

O trenzinho do caipira, de Heitor Villa-Lobos.

Clássico que integra as *Bachianas brasileiras*, de Heitor Villa-Lobos (compositor que é o principal expoente da música no modernismo brasileiro). É riquíssima a maneira como o músico consegue evocar os sons de um trem em movimento e de um apito de locomotiva numa composição para orquestra.

Disponível em: <<http://mod.lk/trenzinh>>.

O trenzinho do caipira, de Heitor Villa-Lobos, com Edu Lobo e letra de Ferreira Gullar.

Mantendo a fidelidade musical ao arranjo de Villa-Lobos, Edu Lobo recria “O trenzinho do caipira” incorporando a poesia de Ferreira Gullar.

Disponível em: <<http://mod.lk/caipira>>.

MEMÓRIA

Ponta de Areia, de Milton Nascimento e Fernando Brant.

Clássica canção de Milton Nascimento que canta o desalento pela desativação, em 1966, da antiga ferrovia Bahia-Minas (EFBM) – a Baiminas, como era chamada pela população – que ligava o Vale do Jequitinhonha e o Vale do Mucuri, no norte de Minas, a Caravelas/Araçuaí e depois ao arraial de Ponta de Areia, no litoral sul da Bahia, numa extensão de 578 quilômetros. Puxada pela Maria Fumaça, a ferrovia fundou vilas, montou engenhos, gerou empregos, estimulou o plantio. A região nunca mais foi a mesma e vive até hoje da recordação dos velhos maquinistas, órfãos dos trilhos.

Disponível em: <<http://mod.lk/pontadea>>.

Ponta de Areia, de Milton Nascimento e Fernando Brant, com o Grupo Corpo.

Em 1980, o Grupo Corpo levou Ponta de Areia para a dança. Não há registro do espetáculo, apenas a delicada e poética interpretação da Companhia, por meio da qual podemos imaginar como foram os movimentos dos dançarinos no palco. O vídeo vale também pelas belas e históricas imagens.

Disponível em: <<http://mod.lk/grucor>>.

Ponta de Areia, de Milton Nascimento e Fernando Brant, com Nana Caymmi.

Ponta de areia foi gravada pela cantora baiana Nana Caymmi, que emprestou um toque baiano à canção, afinal, a canção é como uma nostálgica viagem de trem que começa em Minas e termina na Bahia, ou vice-versa. Inaugurada em 1881, foi desativada em 1966, deixando um rastro mítico na memória de quem viveu essa época.

Disponível em: <<http://mod.lk/nana>>.

TREM COMO METÁFORA

Expresso 2222, de Gilberto Gil.

Canção do início dos anos 1970, gravada seis meses depois de Gilberto Gil (e Caetano Veloso) ter voltado do exílio em Londres, acusado de subversão pelo regime militar. O ritmo (mistura de baião com *rock*) parece traduzir a fome de Gil por gravar e cantar, vertida em uma letra que fala de uma tendência muito em voga naquele período pré-internet, a futurologia, a tentativa de adivinhar os rumos da civilização nas décadas seguintes (os anos 2000 costumavam ser muito mencionados) com o advento das novas descobertas científicas. Nessa canção, Gil faz isso com uma poesia exuberante e potente, usando como metáfora uma viagem de trem pelo Expresso 2222.

Disponível em: <<http://mod.lk/2222>>.

Trem azul, de Lô Borges com Elis Regina.

Letra do mineiro Lô Borges, que metaforiza um imaginário trem azul como o emaranhado de pensamentos que nos tomam em momentos ociosos e que nos fazem nos perder no labirinto de epifanias, sensações, frases soltas de que é feita a memória.

Disponível em: <<http://mod.lk/tremazul>>.

Viver, de Teca Calazans.

Delicada ode à vida da cantora e compositora pernambucana na forma de um trem imaginário do qual somos passageiros e o tempo “brinca de seguir”.

Disponível em: <<http://mod.lk/vivertec>>.

Trem das cores, de Caetano Veloso.

Descrição poética do interior e do exterior do vagão de um trem, em que Caetano Veloso brinca com o tom das cores que o movimento da composição lhe sugere, criando imagens bastante originais, repletas de metáforas.

Disponível em: <<http://mod.lk/tremdasc>>.

Trem-bala, de Ana Vilela.

A cantora paranaense, até então desconhecida, roubou a cena musical em 2017 ao ver sua canção viralizar na internet. Por meio de versos simples, a canção faz uma primorosa metáfora da velocidade da vida com a velocidade de um trem-bala.

Disponível em: <<http://mod.lk/trembala>>.

ENCONTROS, DESENCONTROS E DESPEDIDAS

Encontros e despedidas, de Milton Nascimento e Fernando Brant, com Milton Nascimento.

A canção descreve a emoção dos encontros e despedidas na plataforma das estações de trem, os dois lados da mesma viagem, a vida feita do vaivém de passageiros nas grandes cidades e nos pequenos vilarejos.

Disponível em: <<http://mod.lk/despedid>>.

Trem das 7, de Raul Seixas e Paulo Coelho

Canção dos anos 1970 que confere um tom místico e épico à chegada do trem na estação, falando das emoções de quem chega e de quem parte e evocando entidades míticas em um clima apocalíptico.

Disponível em: <<http://mod.lk/tremdass>>.

Trem das onze, de Adoniran Barbosa.

Samba que fala de uma situação prosaica entre casais de namorados do subúrbio: a necessidade da despedida em razão do horário do último trem – e hoje, também, do último metrô. A canção se tornou um clássico do samba paulistano e tornou famoso o bairro de Jaçanã, um dos tantos que têm ou tinham uma estação.

Disponível em: <<http://mod.lk/tremdaso>>.

○ VÍDEOS ↘

Apólogo brasileiro sem véu de alegoria. Contos da meia-noite. TV Cultura. Duração: 6min52s.

Transposição para o vídeo do conto de Alcântara Machado sobre o motim no trenzinho de Maguari por falta de luz, com narração e *performance* do ator Matheus Nachtergaele. Chame a atenção dos alunos para a trilha sonora do vídeo, que simula os sons de um trem e confere dinâmica ao ritmo da narração.

Disponível em: <<http://mod.lk/apolovid>>.

Crônica. Uma mania nacional. Super Libris. Duração: 28min54s.

Vídeo em que o escritor e cronista Ignácio de Loyola Brandão fala de sua carreira, seu processo de escrita, de literatura, com especial destaque para a crônica, da qual ele é um dos principais expoentes no Brasil.

Disponível em: <<http://mod.lk/mania>>.

○ CRÔNICAS ↘

ÂNGELO, Ivan. Sobre a crônica. Veja *São Paulo*, 18 set. 2009.

Crônica metalinguística de Ivan Angelo, exímio contista e também cronista que faz parte do grupo dos grandes cronistas brasileiros, na qual ele comenta as controvérsias que existem na busca por uma definição do gênero crônica.

Disponível em: <<http://mod.lk/sobreac>>.

LIVROS

AMÂNCIO, Moacir (org.). *Cronistas do Estadão*. São Paulo: *O Estado de S.Paulo*, 1991.

Valioso registro dos autores que escreveram crônicas para o centenário jornal paulista *O Estado de S.Paulo*, trazendo textos desde o tempo da Velha República, no final do século XIX, até o início dos anos 1990, quando a obra foi publicada.

BRAGA, Rubem. *O poeta e outras crônicas de literatura e vida*. Organização de Gustavo Henrique Tuna. São Paulo: Global, 2017.

Pequena seleção de crônicas de Rubem Braga que traz os textos mais celebrados do autor e também algumas pouco conhecidas do leitor, que poderíamos chamar de “crônicas de circunstâncias”, em que ele escreve sobre seus amigos mais próximos.

CONY, Carlos Heitor. *Quase antologia – As melhores crônicas de Carlos Heitor Cony na Folha de S.Paulo*. Organização e apresentação de Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Três Estrelas, 2018.

Seleção das crônicas de jornal (*Folha de S.Paulo*) de um dos mestres da crônica no Brasil, que era também renomado romancista. Uma das principais características de suas crônicas são a agudeza da crítica política e social.

COSSON, Rildo. *Letramento literário – Teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

Obra voltada para professores que buscam fazer do letramento literário uma atividade significativa para si e para os estudantes. No livro, o autor Rildo Cosson, do Departamento de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mostra como reformular, fortalecer e ampliar o estímulo à leitura no

ensino básico para além das práticas usuais. Ele também analisa a relação entre literatura e educação, propondo a construção de uma comunidade de leitores nas salas de aula e sugerindo oficinas para o professor adaptar seu trabalho ao letramento literário, orientando, assim, a produção de sequências de atividades com foco na leitura literária.

MACHADO, Ana Maria. *Uma rede de casas encantadas*. São Paulo: Moderna, 2012.

Cinco ensaios em que a escritora Ana Maria Machado discorre sobre literatura, literatura infantojuvenil, poesia e o seu processo de criação literária com base em sua trajetória de mais de cinco décadas como escritora, educadora, intelectual e jornalista.

PINTO, Manuel da Costa (org.). *Antologia de crônicas – Crônica brasileira contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2005. (Coleção Lendo & Relendo)

Seleção de crônicas de alguns dos melhores autores em atividade no final do século XX e início do XXI.

RIO, João do. *A alma encantada das ruas*. Organização de Raul Antelo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Livro que se constitui um registro histórico e sociológico do Rio de Janeiro do início do século XX por um dos primeiros cronistas brasileiros, João do Rio. Publicadas na imprensa entre 1904 e 1907, as crônicas de *A alma encantada das ruas* revelam “a cosmópolis num caleidoscópio”, segundo o texto de quarta capa do livro. Um importante documento dos primeiros anos da República no Brasil.

FILMES

Mauá – O imperador e o rei. (Brasil, 1999). Drama, História, biografia. Direção de Sérgio Rezende. Duração: 2h15min.

O filme conta a história de Irineu Evangelista de Souza, abolicionista em um Brasil imperial e escravocrata, que sonhava em industrializar o Brasil, mas sofreu oposição da oligarquia da época.

Disponível em: <<http://mod.lk/maua>>.

Paranapiacaba – A Inglaterra perdida nos trópicos. Documentário. Captação 1999; edição e lançamento 2003. Codireção: Amílcar M. Claro. Sesc TV. Duração: 55min6s.

Documentário sobre a vila ferroviária de Paranapiacaba, construída nos século XIX pelos ingleses no alto da Serra do Mar para o escoamento da produção paulista de café para o porto de Santos.

Disponível em: <<http://mod.lk/paranapi>>.

O trem de ferro. Documentário (curta-metragem). Direção de Mario Kuperman. Duração: 23min58s.

Documentário filmado nos anos 1970, com ótima trilha sonora e trabalho de pesquisa, o filme mostra o final da era das ferrovias, sua importância, por meio de depoimentos de profissionais do trem.

Disponível em: <<http://mod.lk/otremdef>>.

CALDEIRA, Jorge. *Mauá – Empresário do império*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

O livro mostra a ascensão e a queda do primeiro grande industrial brasileiro, que tentou modernizar o país, sobretudo com a criação de estradas de ferro, mas sucumbiu diante da oligarquia agrária da época.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2014.

O que é um círculo de leitura? É um grupo de pessoas que se reúne com o objetivo de discutir a leitura de uma obra em um lugar qualquer – na escola, na biblioteca, em cafés ou livrarias, na casa de amigos e até mesmo em discussões *on-line*. Nesta obra, Rildo Cosson, professor na área de Literatura da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), apresenta uma proposta de organização e de funcionamento de um círculo de leitura. Ele orienta e fornece embasamento para a criação de atividades que possam auxiliar educadores e leitores, ampliando a grande diversidade de interesses que existe na atividade de leitura, e convida o leitor a formar o seu próprio círculo de leitura.

FAZENDA, Ivani C. Arantes. *Interdisciplinaridade: História, teoria e pesquisa*. 18. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

Estudiosa das questões que envolvem a interdisciplinaridade desde os anos 1970, formada pela USP, mestre em filosofia da educação pela PUC-SP e doutora em antropologia cultural pela USP, a professora Ivani Fazenda acredita que, “ao buscar um saber mais integrado e livre, a interdisciplinaridade conduz a uma metamorfose que pode alterar completamente o curso

dos fatos em Educação; pode transformar o sombrio em brilhante e alegre, o tímido em audaz e arrogante e a esperança em possibilidade”.

HARARI, Yuval Noah. *21 lições para o século 21*. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Obra fundamental para se compreender as implicações do mundo neste início de século. Neste livro, o professor da Universidade Hebraica de Jerusalém analisa com refinada argúcia os aspectos históricos, geopolíticos, tecnológicos, humanos, éticos, metafísicos, culturais de um mundo que se encontra na antessala da disrupção trazida pelo advento dos mecanismos biotecnológicos da inteligência artificial.

JOUBE, Vincent. *Por que estudar literatura?* Trad. Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012. (Coleção Teoria Literária)

Obra dirigida aos pesquisadores em teoria literária e da arte, aos professores e estudantes de literatura e a todos os amantes da literatura. Discorre sobre a arte literária e seus elementos de formação.

LONTRA, Hilda Orquídea H. (org.). *Histórias de leitores*. Brasília: Editora Universidade de Brasília/Oficina Editorial do Instituto de Letras UnB, 2006.

Obra que reúne textos que tratam do processo de constituição da identidade pela leitura, recuperando vivências permeadas de afetividade que têm em comum o resgate do prazer do convívio com os textos literários.

PASTERNAK, Boris. *Doutor Jivago*. Trad. Zoia Prestes. Rio de Janeiro: BestBolso, 2007.

A obra aborda as transformações sociais ocorridas logo após a Revolução Russa, em outubro de 1917, e

que culminou na execução da família Romanov e a instauração do regime soviético. O romance, que valeu o Prêmio Nobel ao seu autor em 1958, foi, como diz Ignácio de Loyola Brandão, proibido durante muito tempo pelas autoridades estatais da União Soviética. Revestido de caráter autobiográfico, o romance relata a trajetória de um médico, escritor e poeta que mostra as contradições do regime.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura*. Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

Ler é quase sempre uma atividade solitária, que implica, paradoxalmente, uma abertura para o outro. Nesta obra, a antropóloga Michèle Petit discorre sobre as múltiplas dimensões envolvidas na experiência da leitura.

SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.

Obra introdutória ao assunto, mas nem por isso menos aprofundada, que discorre sobre o gênero crônica tomando como base os principais cronistas do Brasil. No final, traz um proveitoso vocabulário crítico com os principais conceitos que cercam o ofício do cronista.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997. (Série Princípios)

Nesta obra introdutória ao tema, a professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Angélica Soares retoma a discussão iniciada por Platão e Aristóteles na Antiguidade grega sobre os gêneros literários e a natureza da obra literária, seja ela a epopeia, o conto, a crônica, o ensaio, a novela, perpassando as formas dramáticas (tragédia, comédia e drama) e contemplando as recentes rupturas de paradigma trazidas pelo advento do pensamento pós-moderno nas letras e nas artes.

TERZI, Sylvia Bueno. *A construção da leitura – Uma experiência com crianças de meios iletrados*. Campinas, SP: Pontes; Editora da Unicamp, 1995.

A autora relativiza a ideia de que toda criança, ao chegar à escola, já traz consigo um conhecimento sobre a escrita – segundo ela, é preciso considerar a sua origem familiar e social e modular o aprendizado e a construção da leitura.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3. ed. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2010.

Todorov faz a crítica do ensino de literatura na atualidade, baseado no formalismo-estruturalismo, ao mesmo tempo que defende a leitura e a literatura como campos de aprendizado e de formação humana.

(Todos os *links* de páginas da internet presentes neste material foram acessados em 1º dez. 2020).